

Um panorama acerca dos estudos sobre os Katxuyana, Kahyana e outros *yanas*

Adriana Russi *
Denise Fajardo **

RUSSI, A; FAJARDO, D. Um panorama acerca dos estudos sobre os Katxuyana, Kahyana e outros *yanas*. R. Museu Arq. Etn. 37: 5-19, 2021.

Resumo: Neste capítulo, é apresentada uma síntese comentada de estudos que versam sobre os Katxuyana, Kahyana e outros *yanas* que vivem nas regiões dos rios Cachorro e Trombetas e adjacências. O recorte temporal escolhido corresponde aos estudos publicados a partir de 1900, embora eles apontem informações de fontes históricas anteriores. Com a apreciação dessas obras, busca-se destacar a ênfase temática dos textos, a depender do momento sócio-histórico, e as principais contribuições dos pesquisadores sobre esses povos.

Palavras-chave: Katxuyana; *Yana*; Estudos; Rio Cachorro; Rio Trombetas.

Data da segunda metade do século XVII a presença da Ordem Franciscana na região da Amazônia brasileira, no rio Trombetas (afluente da margem esquerda do rio Amazonas no estado do Pará). Alguns pesquisadores, em seus trabalhos¹, demonstraram como se firmou essa presença desde então, tornando os franciscanos “responsáveis por aldeamentos previamente firmados por jesuítas nas imediações do Trombetas e Amazonas” (Girardi 2011: 47).

Nos anos 1960, Dascha Detering (1962), por ocasião da elaboração de seu texto sobre trançados dos Katxuyana, escreveu que naquele momento não era possível saber, de acordo com a literatura disponível, quem teria

“descoberto” ou quem teria sido o primeiro a mencionar a existência dos Kaschuyana (hoje autônomo Katxuyana). O(a) leitor(a) encontrará tal artigo incorporado a este Dossiê.

Posteriormente, nessa direção é que se encaminharam algumas das pesquisas do frei franciscano e antropólogo alemão Protásio Frikel, uma delas tendo resultado em um de seus trabalhos mais importantes sobre esse povo: *Os Kaxuyana: notas etno-históricas* (Frikel 1970a). Nessa obra, Frikel lança mão de textos e crônicas de viajantes e cronistas dos tempos coloniais de meados do século XVII e XVIII. A partir desse levantamento, ele identifica que o primeiro documento mencionando os Katxuyana fora aquele produzido pelo frei Francisco de São Marcos, no relato de sua viagem ao rio Trombetas entre 1725 e 1728. Segundo Frikel, no texto original, esse grupo indígena era denominado como os “Caxorená”, e o rio Cachorro ou Kaxúru identificado em mapas antigos como rio Kasúru, que em algum dialeto local *karib* significaria “miçanga, conta ou colar pendente”.

1 Eurípedes Funes (1995, 2000) e Antonio Porro (2002, 2008).

* Docente da Universidade Federal Fluminense/Doutora em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (unirio). <adri.russitm@gmail.com>

** Coordenadora do Programa do Tumucumaque do Instituto de Pesquisa e Formação (Iepé)/Doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo (USP). <denise@institutoiepe.org.br>

Frikel (1970a) cotejou as notas do frei Francisco com as de Curt Nimuendajú (1926) e concluiu que o período provável da migração dos Warikyana para o Trombetas teria ocorrido entre 1725 e 1775, fugidos de um massacre ocorrido em Óbidos. Antonio Porro (2008: 388 *apud* Girardi 2011: 48) considera que, apesar de Francisco de São Marcos ser considerado o “descobridor do Trombetas”, por ter empreendido três viagens exploratórias àquela região, ao contrário do que indicam suas crônicas, talvez não lhe tenha sido possível percorrer o rio desde sua foz até suas cabeceiras.

Nesse trabalho, Frikel (1970a) observara que na primeira metade do século XVIII cessaram as informações sobre a presença indígena no Trombetas, e desde então os Katxuyana, assim como outros yanás vizinhos, teriam ficado dois séculos como que desaparecidos.

Com efeito, para a elaboração deste breve panorama dos estudos publicados sobre os Katxuyana e Kahyana, nosso recorte temporal começa a partir de 1900. Um quadro panorâmico das publicações foi organizado no Guia de Fontes, incluído ao final deste Dossiê, cuja elaboração se fez necessária porque as obras que versam sobre esses e os demais yanás da região do rio Trombetas e seus afluentes estavam dispersas, dificultando sua localização. Outro empecilho à pesquisa é a multiplicidade de formas de grafar os termos que nomeiam esses e outros povos indígenas.

As obras sumariamente aqui comentadas apresentam diferenças consideráveis entre si, quer na densidade, aprofundamento e/ou análise das informações, quer nas abordagens adotadas. Alguns trabalhos de caráter etnográfico são específicos sobre os Katxuyana, como é o caso das publicações compreendidas entre as décadas de 1950 a 1970 de Protásio Frikel (1953, 1955, 1956, 1958, 1960, 1961 a e 1961b, 1962, 1963, 1970a, 1970b), Gottfried Polykrates (1957, 1959, 1960, 1961, 1962), Dascha Detering (1962) e Ruth Wallace Paula (1970, 1976, 1977), e mais recentemente de Denise Fajardo Grupioni (2001, 2006, 2010a e 2010b, 2016) e Luisa Girardi (2010a, 2010b, 2011, 2019). Há ainda textos de Adriana Russi

T. Mello (2011, 2014) e outros tratam dos Katxuyana em análises comparativas, como os de Herbert Baldus (1961-62), Desmond Derbyshire (1961), John Gillin (1963) e Torres (1986).

Um relatório não publicado de expedição etnográfica, realizada no ano de 1928 à “tribo do rio Cachorro”, informa que os Caxuiuanás (como eram conhecidos à época) teriam sido “domesticados” e ingressaram à vida “civilizada” por Sebastião Vieira. Antes eram tidos como “arredios”². Porém, pode-se considerar que o pequeno texto de Albert Kruse, *Etwas von den Kaciana*, ou em português *Sobre os índios Kaciana* (1933), incluído neste Dossiê, seja talvez o primeiro a ser publicado no século XX tratando de forma específica, embora bastante superficial, de palavras da língua katxuyana ou alguns outros yanás próximos³.

O texto de Vinhaes (1944) e o Relatório da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites (Aguiar 1940) parecem ser os únicos trabalhos publicados até os anos de 1950. Os textos de Kruse e de Vinhaes, o primeiro deles bastante sucinto e o segundo quase num estilo de romance/aventura, trazem breves informações etnográficas sobre o povo Katxuyana do rio Cachorro.

É a partir dos anos de 1950 que os trabalhos apresentam um caráter etnográfico

2 Expedição vinculada às iniciativas de Inspeção de Fronteiras do governo federal, cujo relatório, sem autoria, remetia provavelmente ao ano de 1929. Não foi possível relacionar tal expedição àquela denominada Expedição Rondon à Serra do Tumucumaque e rio Cuminá (1925-1930), embora a localização, o período e o termo de referência aos Katxuyana (Caxuiuaná) sugiram que sim. O relatório original fazia parte do arquivo do SEMEAR que, lamentavelmente, se perdeu no devastador incêndio do Museu Nacional/UFRJ, em setembro de 2019. Nesse desastre patrimonial foram destruídos também 46 objetos que integravam o acervo etnográfico dessa instituição – possivelmente a coleção de artefatos mais antigos dos Katxuyana – muito provavelmente oriundos dessa expedição. Antes do incêndio, contudo, foram feitas fotografias de 28 desses artefatos e cópias digitais desse relatório (Russi & Endreffy 2017).

3 A denominação Katxuyana, como mencionado, tem sido empregada como designação genérica na referência também a outros yanás que possuam inter-relações com os Katxuyana, dentre eles os Kahyana, Yaskuriyana e outros.

mais específico, quando surgem também análises comparativas entre os Katxuyana e outros *yanas* da região. Naquele momento, além do crescimento significativo de trabalhos⁴, houve uma preocupação com a descrição de práticas culturais desses povos. Foi em 1953, com o texto *Kamáni*, que Protásio Frikel⁵ redigiu seu primeiro trabalho dentre os vários que publicaria nos anos seguintes (até 1972) sobre os Katxuyana e sobre os Kahyana especificamente, como resultado de suas subsequentes incursões aos rios Cachorro e Trombetas no decorrer da década anterior (1944 a 1948), com o intuito de aprofundar suas pesquisas etnográficas entre os povos dessa região. Em seu *In memoriam de Protásio Frikel*, Hans Becher (1975) lembra que foi entre os Katxuyana, no rio Cachorro, que Frikel se iniciou como etnólogo, apresentando uma relação de todos os seus trabalhos de campo, ano a ano, desde 1944 até o ano de sua morte, em 1974. Dessa lista de viagens destacamos a seguir aquelas que foram entre os Katxuyana e Kahyana:

*De novembro a dezembro de 1944
empreendeu Protásio Frikel a sua primeira
excursão como etnógrafo para os índios
Kaxúyana no rio Kaxuón (cachorro). Ele
era tão entusiasmado que doravante passou
á empreender em cada ano viagens de pesquisa
á tribos indígenas:*

4 Em cinco décadas, desde 1900 até 1949, foram três trabalhos publicados e dois relatórios. Em uma única década, de 1950 a 1959, foram 10 trabalhos publicados e um documento manuscrito. É possível que existam outros documentos não localizados até o momento.

5 Nascido na Alemanha em 1912, Protásio Frikel faleceu no Brasil em 1974. Veio ao Brasil impulsionado por vocação religiosa. Na Bahia e Pernambuco formou-se teólogo e antropólogo e realizou suas primeiras pesquisas antropológicas sobre tradições afro-brasileiras na Bahia. Chegou na Amazônia em 1938, e iniciou trabalhos na Missão Franciscana do rio Cururu junto aos indígenas Mundurucu. Essa região foi seu ponto de partida para a realização de suas pesquisas antropológicas e arqueológicas no oeste do estado do Pará. Em 1957 começou a pesquisar pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, em que trabalhou até sua morte. (resumo elaborado a partir do trabalho de Vitor da Mata Martins, bolsista PCI/MCT, arquivo do Museu Paraense Emílio Goeldi, pasta Gunther Protasius Frikel).

*1945 outubro a dezembro. Grupo
Kaxúyana no Rio Trombetas. Pesquisas
etnográficas e linguísticas.*

*1946 outubro a dezembro. Grupo Kaxúyana
no Rio Kuhá, um afluente do Rio Trombetas.
Pesquisas sobre a imagem do mundo religioso.*

*1947 setembro a novembro. Grupo
Káhyana no Rio Kaxpakúru. Pesquisas sobre
a cultura material.*

*1948 agosto a dezembro. Nova visita dos
Kaxúyana no Rio Trombetas. Pesquisas sobre
a cultura material e espiritual (Becher 1975:
295-296).*

Voltando ao estudo de Frikel publicado em 1953, o conteúdo dessa publicação discorre acerca dos procedimentos de preparo e uso do veneno “curare” ou *kamáni* (veneno de ponta de flecha), ainda em uso naquela época. Durante a preparação do produto, preceitos e interditos eram acionados e o veneno era utilizado para caçar. Frikel sugeriu uma possível aproximação entre o *kamáni* como veneno de caça e o *kamáni* como veneno de guerra, o último associado a uma antiga prática antropofágica dos Katxuyana. Além desse trabalho, Frikel escreveu sobre a relação dos Katxuyana com os Kahyana (1955), grupo com que os Katxuyana, segundo Frikel, eram “aparentados pela língua, religião e costumes”. Noutro texto, Frikel (1956) descreve formas de sinais e marcos de advertência dos Katxuyana na mata, subdivididos em duas categorias: sinais puramente indicativos de caminhos e “[...] sinais informativos pessoais, ou seja, sinais que simbolicamente representam pessoas e que, antes do mais, informam sobre elas, podendo, contudo, não excluir o sentido da orientação de caminhos. São os *kukurú*” (Frikel 1956: 103).

Entre os estudos realizados na década de 1950 está o de Kruse (1955), *Purá, das Höchste wesen der Arikéna*⁶, sobre o mito de origem do povo Katxuyana, e os de Polykrates, sobre as duas expedições dinamarquesas aos Katxuyana (1957 e 1959), que versam sobre artefatos

6 Purá, o ser supremo dos índios Arikéna.

que posteriormente integraram acervos de museus⁷ – todos inclusos neste Dossiê.

A década compreendida entre 1960 e 1969 foi a que teve maior número de trabalhos publicados sobre os Katxuyana, com predominância de textos sobre cultura material (Baldus, 1960, 1961-1962; Detering 1962; Polykrates 1960, 1961, 1962), bem como sobre um conceito corrente à época, que era o da aculturação dos povos indígenas à sociedade nacional (Frikel 1961b; Malcher 1964; Polykrates 1961b).

Na década seguinte, de 1970 a 1979, o quantitativo de trabalhos publicados é idêntico ao dos anos 1960, contudo, apresenta outra perspectiva de análise – quer de cunho propriamente etnográfico, como nos trabalhos de Frikel, quer de cunho linguístico, como na obra de Ruth Wallace de Paula. Apesar de Frikel não ter mais retornado aos rios Cachorro e Trombetas após 1948, é por ocasião do levantamento que Roberto Cortez preparou conjuntamente com ele sobre dados demográficos na região do Tumucumaque (Frikel & Cortez 1972), que novamente Frikel volta a se relacionar com parte dos Katxuyana e Kahyana. Em vista de sua transferência para o Tumucumaque ter ocorrido em 23 de fevereiro de 1968, a partir de então esses yanás voltam a fazer parte de seus registros etnográficos, porém agora em contexto de convívio com os povos do Tumucumaque, mais conhecidos pela designação genérica de Tiriyo, sobre quem certamente Frikel mais pesquisou e publicou, tendo realizado, de 1950 a 1974, 14 viagens para lá. Além disso, ao longo das décadas de 1950-1960, Frikel atuou em prol da criação do Parque Nacional Indígena do Tumucumaque, decretada em 16 de julho de 1968. A antropóloga Lucia van Velthem (1979, 1980), ao tratar do parque, faz menção também aos Katxuyana que para lá foram transferidos em 1968.

Daquela década data ainda um texto jornalístico assinado pelo famoso poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade

(1979), redigido a partir de um trabalho de Frikel (1970b) – *O Código de civilidade Kaxuyana* –, que o inspirou a escrever a crônica “O Kaxuyana: esse bem-educado”, em que elogia as boas maneiras desse povo à luz de uma crítica cultural à, em suas palavras, “sociedade urbana, dita civilizada”.

Na década de 1980, houve uma mudança no enfoque dos estudos que tratavam sobre os Katxuyana. Neles predomina uma crítica às políticas públicas brasileiras, ressaltando as precárias condições de vida das populações indígenas habitantes do Parque Indígena do Tumucumaque, como os Tiriyo e os Wayana-Aparai, além dos Katxuyana, que são descritos em alguns relatórios (Almeida 1981a, 1981b). Outros textos se referem à demarcação da Terra Indígena Nhamundá/Mapuera e versam sobre os Wai-wai, Hixkaryana, Katuena, Mamayana e Katxuyana, como relatórios da Funai (1982) e o trabalho de Meirelles e colaboradores (1986).

Distinguem-se desses, por seu caráter linguístico ou etnográfico, respectivamente, o trabalho de Ruth W. Paula⁸ (1983), acerca da língua katxuyana, e o texto comparativo de Constantino Torres (1986), sobre artefatos de madeira e alucinógenos. Na publicação do Programa Povos Indígenas no Brasil do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (PIB/Cedi) de 1983, há importante verbete sobre os Kaxuyana, de autoria de Dominique Gallois, com breve histórico de sua formação e migração para o Tumucumaque e Nhamundá (Ricardo 1983).

Durante os anos compreendidos entre 1990 e 1999, apenas um trabalho foi publicado, assinado pela antropóloga Denise Fajardo Grupioni, que versa sobre educação indígena Tiriyo e Kaxuyana. Entre 1990 e 2010, ela foi a autora que mais publicou a respeito dos Katxuyana.

8 A falecida linguista brasileira Ruth Wallace de G. Paula assina às vezes como Ruth Wallace, como ficou mais conhecida nos campos da antropologia e linguística. Nos anos de 1970, foi estagiária de Frikel no Museu Paraense Emilio Goeldi, e viajou ao Tumucumaque para estudar a língua katxuyana. Depois foi para o Rio de Janeiro, no Museu Nacional/UFRJ, onde fez sua dissertação de mestrado sobre essa língua. Desde então, passou a trabalhar no Museu Nacional como linguista.

7 Sobre as coleções etnográficas dos Katxuyana, ver Russi e Keiffer-Døssing, 2019.

A produção bibliográfica e documental na primeira década do século XXI é bem variada. De caráter etnográfico, entre outras publicações, há menção sobre os Katxuyana escrito por Denise Fajardo [Grupioni] para a obra *Povos indígenas no Brasil – 2006-2010* (Ricardo & Ricardo 2010) e outro também assinado por essa antropóloga sobre a arte visual Tiriyo e Kaxuyana (Grupioni 2009). Entre os documentos produzidos a partir de então, dois deles se destacam por serem assinados pelos próprios Katxuyana: o primeiro, de 2004, sobre a reivindicação de seu território, e o segundo, de 2008, sobre o projeto da construção de uma casa tradicional (*tamiriki*), que foi submetido ao Prêmio Culturas Indígenas.

Nesse período, a produção documental teve autoria variada: há ainda um documento da Fundação Nacional do Índio (Funai), de autoria de Ruben Queiroz⁹ (2008), acerca do território indígena Trombetas-Mapuera, em que vivem diferentes *yanas*, inclusive os Katxuyana; além do livro de Marlui Miranda (2005) sobre uma experiência que mescla música indígena e erudita com grupos do norte do Pará e Amapá. De caráter etnográfico, há a publicação organizada por Dominique Gallois (2005), que trata das redes de relações nas Guianas (contexto em que os Katxuyana estão inseridos); o artigo sobre as línguas Karib, de Sérgio Meira (2006); e a dissertação de mestrado de Majoi Gongora (2007) sobre narrativas mitológicas nas Guianas, que inclui análise do mito de origem dos Katxuyana.

Entre 2010 e 2020 o número de publicações foi crescente, chegando a 35 trabalhos, entre monografias, artigos, dissertações e teses, além de livros. Grupioni (2010b) redigiu um artigo sobre o regresso dos Katxuyana à sua terra de origem. A antropóloga Luisa Girardi, que fez pesquisa de campo para sua dissertação e tese de doutorado entre os Katxuyana e povos vizinhos, assina inúmeros trabalhos (2010a, 2010b, 2011, 2012, 2015, 2016, 2019): o primeiro deles discorre sobre a demarcação de território na região do Trombetas-Mapuera, a partir de sua

experiência com o antropólogo Ruben Queiroz; o segundo sobre cosmopolítica e demarcação de terra indígena. Em sua dissertação (Girardi 2011), a antropóloga faz uma reflexão sobre mistura e transformação da “gente do Kaxuru”.

Também em 2010, foram publicados pelo Instituto de Pesquisa e Formação Indígena (Iepé) e pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo dois livros sobre a língua portuguesa nas escolas Tiriyo e Kaxuyana; e, pelo Museu do Índio e Iepé, um livro sobre alfabetização na língua Kaxuyana. Adriana Russi foi outra pesquisadora que produziu diferentes publicações sobre os Katxuyana, especialmente a partir de uma perspectiva da memória social e do patrimônio cultural entre os moradores das aldeias Santidade e Chapéu. Elaborou artigos, tese e livro sobre o protagonismo do povo Katxuyana pela valorização de sua cultura e a reconstrução da casa *tamiriki*, estratégia importante de defesa dos direitos patrimoniais e territoriais (Russi 2011, 2013, 2014, 2020). Sobre memória e cultura material, especialmente sobre os artefatos musealizados dos Katxuyana, também escreveu trabalhos em parceria com outras pesquisadoras (Russi & Abreu 2013, 2018; Russi, Kieffer-Døssing & Endreffy 2016; Russi & Kieffer-Døssing 2019).

No início do século XX – o casal Coudreau

Um trabalho que está no limiar da virada do século XIX para o XX é a obra que relata a viagem do casal francês Coudreau ao rio Trombetas, viagem fatal a Henri-Anatole Coudreau. O professor de história e geografia recebeu do ministério das colônias francesas a incumbência de três missões exploratórias: a primeira em 1883, a segunda entre 1887 e 1889 e a terceira entre 1889 e 1891. Em 1895, ele integrou um serviço no estado do Pará incumbido de explorar os rios Tapajós, Xingu, Tocantins, Araguaia, Itaboca, Itacaiuna, as regiões compreendidas entre os rios Tocantins e o Xingu, o Nhamundá e o Trombetas. Foi durante sua última expedição, realizada entre agosto e novembro de 1899, que ele e sua esposa Olga viajaram pela região do rio

9 O antropólogo Ruben Caixeta de Queiroz em alguns trabalhos assina como Ruben Caixeta.

Trombetas, passando por seus lagos e afluentes, entre eles o rio Cachorro e o rio Cachorrinho. Eram nesses dois rios e no próprio rio Trombetas (alto Trombetas), que naquela ocasião viviam os Katxuyana e outros yanás.

O casal francês demonstrou especial interesse em conhecer índios como os Katxuyana, instigados por alguns dos membros de sua equipe de viagem. Filhos de mocambeiros da região do Trombetas, esses homens falavam da existência de índios “brabos”. A conversa transcrita abaixo entre Henri Coudreau e Raimundo (membro da equipe) versa sobre a possibilidade de esses franceses conhecerem os Katxuyana, povo cujo aspecto “selvagem” despertou interesse do viajante, como demonstra este trecho da conversa:

Il y a des Indiens brabos dans le Rio Cachorro, me dit Raymond dos Santos.



Fig. 1. Varadouro do Cachorro ou Cachoeira São Pedro, no rio Cachorro.
Fonte: Russi (2011).

_ Tant mieux, nous aimons beaucoup rencontrer des Indiens brabos.

_ Ah! si vous emmeniez um de nous avec vous, les Cachuanas ne vous flécheraient pas; en les voyant nous crierions bien vite: “Ouimi, Maria, mohire”.

_ Mais jê peux leur offrir moi-même des haches, des couteaux e des perles (Coudreau 1900: 20-21)¹⁰.

O resultado dessa empreitada pelo Trombetas foi a publicação da obra *Voyage au Trombetas 7 aout 1899-25 novembre 1899*¹¹(Coudreau 1900). Contudo, as dificuldades de acesso para passar pelo salto do rio Cachorro (Cachoeira São Pedro, FIG. 1), bem como as frágeis condições de saúde de Coudreau e parte de sua equipe, os impediram de continuar viagem e alcançar as aldeias dos Katxuyana.

10 “Existem índios bravos no rio Cachorro, me disse Raimundo dos Santos. Tanto melhor, nós adoramos encontrar os índios bravos. Ah! Se levassem um de nós com vocês, os Cachuanas não te flechariam; vendo-os nós gritaremos bem rápido: Ouve, Maria, (?). Mas eu posso lhes oferecer machados, facas e miçangas” (tradução livre).

11 A obra foi publicada por Olga Coudreau, esposa de Henri Coudreau, chefe da expedição de pesquisa ao rio Trombetas, que faleceu no início do mês de novembro de 1899, dias depois de ter chegado ao salto do rio Cachorro.

De 1910 à expedição de Rondon em 1929 – coleta dos primeiros artefatos Katxuyana musealizados?

Ao final da década de 1920, o relatório de João Barbosa de Faria (1928 ou 1929) faz alusão à expedição de Rondon denominada *Serra do Tumucumaque e rio Cuminá – 1925 a 1930* que teria passado pelos Katxuyana do rio Cachorro e rio Trombetas no ano de 1929. Esse relatório publicado posteriormente pelo autor (em 1946) se refere a estudos arqueológicos pré-históricos no Baixo Amazonas.

O relatório não publicado (cf. nota de rodapé 2) sugere que essa expedição teria sido a mesma realizada por Faria. A ilação que fazemos é que a expedição teria sido responsável pela coleta de objetos etnográficos – os mais antigos musealizados dos Katxuyana – guardados no acervo do Museu Nacional (UFRJ/RJ) e que foram destruídos no referido incêndio de 2019. Apesar do registro dessa expedição em documentos, as informações que traz sobre esse povo são bastante restritas.

Anos de 1930 a 1939 – o primeiro texto de caráter etnográfico

Um pequeno texto escrito pelo frei Albert Kruse e publicado em alemão, em 1933, talvez seja a primeira publicação de caráter etnográfico sobre os Katxuyana no século XX. Assim como o casal Coudreau, Kruse não chegou às aldeias dos Katxuyana no rio Cachorro. Nesse texto de 1933, das anotações de sua viagem pelo rio Cururu, Albert Kruse (1933) acrescenta, nas últimas páginas, um relato de seu encontro com um Kaciana que falava um pouco a língua portuguesa e que lhe contou coisas sobre seu povo. Tal episódio ocorreu no município paraense de Óbidos, no dia 15 de janeiro de 1931. Nesse breve texto, o frei priorizou fazer uma lista de palavras aprendidas na conversa. Anotou que o grupo indígena de seu informante ocupava um lado do rio Cachorro, afluente do rio Trombetas e que a casa do chefe, denominado José, ficava a três dias de viagem do estuário do rio Cachorro.

As poucas informações que Kruse registrou nesse rápido encontro se referem a algumas práticas culturais. O autor mencionou, entre outros, o fato de que naquela época apenas as crianças se banhavam juntas no rio. As mulheres confeccionavam vasos e a poligamia só era permitida aos chefes. Kruse fez alusão ainda à popularidade das danças e dos rituais de puberdade.

Entre 1940 e 1949 – um jornalista entre os Katxuyana

Além do relatório da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites (1942), entre 1940 e 1949, outro trabalho publicado foi o do jornalista brasileiro Ernesto Vinhaes, que naquela década esteve entre os Katxuyana durante viagem ao rio Cachorro. O texto da segunda edição, de 1944, não faz alusão ao ano da primeira edição, mas inclui ao final uma lista de palavras katxuyana e um mapa com os trechos percorridos de Óbidos às aldeias no rio Cachorro, desenhados por Oscar Dias Teixeira. A obra é o relato de viagem do repórter à Amazônia, encomendada pelo jornal *A Noite*, de Porto Alegre. O autor não data precisamente a viagem, mas informa que a realizou por ocasião da preparação do Censo Geral de 1940. No texto, o autor se refere aos Cachuianã, do rio Cachorro.

Partindo da cidade paraense de Oriximiná, o jornalista subiu o rio Trombetas até Cachoeira Porteira (cachoeira da Porteira no original), em que encontrou a Comissão de Limites e Fronteiras do Setor Norte, que trabalhava desde meados dos anos de 1930. Liderada pelo capitão-de-mar-e-guerra Brás Dias de Aguiar, realizava a demarcação de fronteiras do Brasil com o Suriname e deu apoio e orientação ao jornalista. No início de sua obra, na dedicatória, o jornalista afirma terem sido dias de penosa viagem em canoa, em rios caudalosos, com perigosas quedas d'água. O tom do texto é quase de um romance, repleto de figuras de linguagem que descrevem as agruras da viagem, as dificuldades enfrentadas, a exuberância da natureza, bem como suas impressões sobre o povo Katxuyana, que “não eram ferozes”,

revelando certo preconceito, característico do imaginário nacional da época sobre os povos indígenas. Ele mesmo reconhece, entretanto, que não era profissional em etnografia.

Atualmente, as dificuldades de acesso por via fluvial parecem similares às daqueles anos. Inúmeras foram as observações que fez acerca do desconforto provocado pelos insetos – carapanãs, piuns, micuins. Depois de atingir a cachoeira Porteira, o autor descreve as frequentes febres que sofreu – a “terçã maligna”, a malária que até hoje, embora controlada, é frequente na região.

A habitação katxuyana descrita por Vinhaes ficava no alto de um barranco, rente à margem do igarapé-açu (rio Cachorrinho). Era um *papiri*¹² de grande dimensão, ladeado por outro menor. Tinha três paredes laterais, feitas de estacas amarradas a cipó e trançadas com uma fibra que o autor não identificou. Em seu interior, havia várias redes esticadas em todas as direções, “artisticamente tecidas de algodão pelas mulheres”. Na roça, além da mandioca, viu cana de açúcar, bananeiras e abacaxi. Já no *papiri* menor, o autor viu utensílios de barro usados para preparo de alimentos que não levavam sal algum. Homens e mulheres usavam tangas (Vinhaes 1944).

Vinhaes reconheceu que seu pouco tempo por lá não permitiu um estudo mais pormenorizado, mas chegou a afirmar que os Katxuyana eram um grupo em “última fase de extinção” (Vinhaes 1944: 130). O chefe da tribo visitada era José Conori, pai de Juventino (Curumianá)¹³. As armas

12 “Variação de tapiri (q.v.). s.m. Bras., N. Abrigo contra chuva, feito de folhas, na floresta e à margem de rios” (Ferreira 1975: 1039).

13 Parece que o anfitrião do jornalista, o chefe e pajé José Conori (pai de Juventino Matxuwaya e Eugênio, filhos de mães distintas) seria o conhecido Katxuyana Matxuwaya, o mesmo informante de Frikel – Matchuhuaya – no texto publicado em 1955 (Frikel 1955). Não apenas a similaridade dos nomes, como também a proximidade das datas de viagem de Vinhaes (possivelmente entre 1940 e 1944) e de Frikel (sua primeira expedição foi em 1944, depois 1945, 1946, 1948) sugerem isso. Mas não é possível confirmar. Em 1947, Frikel visitou o Kahyana no rio Kaxpakuru. Além desses fatos, há elementos comuns no mapa de parentesco de Russi (material de pesquisa de Adriana Russi que também assina Adriana

de fogo já eram conhecidas e usadas em caçadas e guerras, embora incomuns naquele momento. Considerou o povo como migrantes, transferindo sua moradia periodicamente. Relatou ainda as casas abandonadas que avistou pelo caminho. Segundo Vinhaes, as transferências eram motivadas, em geral, pela morte de um integrante da aldeia. A transmissão da chefia era um direito de herança, reconhecido pelos demais membros da comunidade. As atribuições de chefe e pajé recaíam na mesma pessoa.

O jornalista relata que na ocasião, as mulheres vestiam tangas de algodão e miçangas e braceletes nos antebraços e pernas. Costumavam se pintar com urucu e tição para a cor negra no rosto; a pintura corporal era usada cotidianamente.

Certa ocasião, o filho de Conori, Curumianá (Juventino), já no papel de “médico-feiticeiro”, como Vinhaes (1944) o denominou, usava adornos especiais. Um diadema plumário de penas de arara e gavião com base trançada-*xamá-xamá*, braceletes (*purú*) de longas penas de arara vermelha, na cintura uma larga fita de casca de pau-gaivota (*cunumiemon*) e colar de miçangas no pescoço. Nos braços tinha colado com breu de árvore penugem de gaivota, atados aos pulsos, pulseiras de fibra (*amecná*). Usava cabelo amarrado em trança e adornado com enfeites coloridos e trajava uma tanga de algodão (*mami*). O diadema descrito por Vinhaes aparece registrado em fotos de Protásio Frikel em 1948 (1970a: estampa IVb e estampa Va e Vb). Esse diadema é similar ao descrito por Detering (1962) e aparece sendo usado pelos Katxuyana em fotografias registradas por Polykrates (1957-1958). Em algumas anotações aparece como *tchimátchimá*.

Alguns exemplares desse adorno plumário (*txama txama*¹⁴) estão preservados e em exibição em museus na Europa como na Dinamarca,

R.T Mello, 2014). Outro fato que reforça tal suposição é a localização geográfica da aldeia liderada por Matxuwaya e que foi descrita para Russi durante trabalho de campo na aldeia Santidade por Eugênio.

14 Nome em katxuyana do artefato.

no Nationalmuseet (Museu Nacional em Copenhague) e na Noruega, no Kulturhistorisk Museum (Museu de História Cultural vinculado à Universidade de Oslo).

Ainda sobre os costumes dos Katxuyana, o jornalista relatou que os alimentos eram obtidos pelos homens, que os consumiam coletivamente em grupos de gênero – homens separados das mulheres. Eram esses os núcleos de comensalidade. As atividades das mulheres eram aquelas relativas ao preparo da mandioca, fiação do algodão e confecção de tangas, além da confecção de vasos de barro. Elas tinham apurado gosto artístico demonstrado nos desenhos das vasilhas de barro. As roças eram de responsabilidade das mulheres.

A importância de Frikel nos estudos sobre os Katxuyana

Certamente foi Protásio Frikel – Gunther Protasius Frikel – (1912-1974) quem mais pesquisou e escreveu sobre os Katxuyana no século XX. Dos anos de 1950 a meados dos anos de 1970, foram onze trabalhos publicados (1953, 1955, 1956, 1958, 1961a e 1961b, 1962, 1963, 1966, 1970a, 1970b), além do já citado trabalho em coautoria com Cortez (Frikel & Cortez 1972). Apesar da existência de documentação histórica esparsa sobre os Katxuyana, especialmente em Portugal, a antropóloga brasileira Denise Fajardo Grupioni (2010a) reconhece a importância do material produzido por Frikel. Fajardo ressalta não apenas a quantidade de trabalhos publicados, mas sobretudo a diversidade de assuntos levantados pelo autor junto aos Katxuyana¹⁵.

Frikel era filósofo e teólogo e começou seus trabalhos missionários vinculado à Prelazia de Santarém e, mais tarde, à Prelazia de Óbidos, pelas quais teve contato com os Katxuyana e outros povos da bacia do Trombetas e do

Tapajós-Madeira. (Becher 1975). Frikel fez levantamentos detalhados de cultura material e contribuiu com a formação de coleções etnográficas (Velthem 1991).

À compilação da pesquisa em base documental, que incluiu dados de cronistas dos séculos XVII e XVIII, já mencionados no início deste artigo, somou-se a experiência etnográfica¹⁶ que empreendeu com os Katxuyana em duas ocasiões: a primeira entre os anos de 1944 e 1948 (na região dos rios Kaxuru ou Cachorro, Trombetas e Kuhá – afluente do Trombetas), antes da migração de suas terras, e a segunda entre 1969 e 1972 (na área do Parque Indígena do Tumucumaque), já depois da migração dos Katxuyana.

Com base nessas pesquisas, Frikel sistematizou inúmeros trabalhos, sendo o principal deles intitulado *Os Katxuyana – notas etno-históricas*, publicado em 1970. Assim, todo o material por ele organizado funciona hoje como importante fonte, quer sobre os atuais Katxuyana, quer sobre seus grupos originários.

Tanto Frikel quanto Grupioni (2010a, 2010b) ressaltam a distinção entre os diferentes grupos (Katxuyana propriamente, Iaskuriyana, Txuruayana, Kahyana, Yaromarĩ, Ingarunẽ, Txikuyana) que formaram os atuais Katxuyana. Em 1994, Grupioni (2010a) obteve informações preciosas em entrevista com um falecido Iaskuriyana, que no final dos anos 1960 liderou o processo de migração dos Katxuyana do rio Cachorro para o Tumucumaque. A título de esclarecimento: Katxuyana são os habitantes do rio Kaxuru ou Kaxuru, Iaskuriyana eram moradores do igarapé Iaskuri (afluente do rio Trombetas), Txuruayana habitavam o igarapé Juruahu (afluente do rio Cachorro), Kahyana eram habitantes das margens do Trombetas, Yaromarĩ moravam no Kaxpakuru (braço do Trombetas), Ingarunẽ era um grupo trombeteiro, e os Txikiyana eram também grupo trombeteiro, mas do igarapé Kaxpakuru. Entretanto, de maneira geral, na história do contato desses povos com os não indígenas,

¹⁵ Depois de Frikel, foi a própria Grupioni, a partir de meados dos anos de 1990, quem mais estudou esses indígenas, com cerca de cinco publicações (2006, 2009, 2010a, 2010b, 2016) e uma em coautoria com Gallois (Gallois & Grupioni 2009).

¹⁶ Dados extraídos da documentação do arquivo do Museu Paraense Emílio Goeldi, na pasta “currículo de Protásio Frikel”.

as diferenciações dos distintos yanás foram pouco compreendidas e todos se tornaram genericamente conhecidos como Katxuyana.

Isso ocorre partir do final da década de 1950, quando a população indígena Katxuyana e grupos vizinhos em geral sofreram sucessivos abalos demográficos. Em Frikel (1970a), encontramos um quadro mais preciso da população na época. Em relação aos Katxuyana, informou que somavam aproximadamente 60 pessoas divididas em três aldeias, sendo uma no rio Cachorro, com 40 pessoas. Dentre as outras 20 pessoas, uma parte encontrava-se em uma aldeia no rio Trombetas e a outra no igarapé Ambrósio. Segundo Frikel, os Warikiyana que habitavam o igarapé Ambrósio estavam extintos em decorrência de uma epidemia de febre amarela. Já os Kahyana, após uma cisão, segundo interpretou Frikel à época, haviam se extinguido por lutas internas. Os Ingarüne haviam se juntado aos Tiriyo-Maraso do rio Panamá e migrado para a Missão Araraparu, de protestantes norte-americanos, ao sul do Suriname. Além desses, haveria, conforme Frikel, algumas famílias isoladas que viviam esparsas pela região: Ingarüne-Kahyana; Rerêyana; Prenoma e Urumamayana.

Naquela época, portanto, os remanescentes dos diversos povos citados por Frikel em seus trabalhos eram pouco numerosos e estavam reduzidos a duas áreas: uma às margens do rio Cachorro e outra às margens do rio Trombetas. Completamente sem esperanças de sobreviver a mais uma epidemia, dividiram-se entre duas alternativas: um grupo maior, de cerca de 49 pessoas, transferiu-se para a missão Tiriyo, no alto Paru de Oeste, enquanto uma família de sete pessoas rumou para uma aldeia Hixkariyana, no rio Nhamundá, junto à uma missão do Summer Institute of Linguistics (SIL). Alguns anos mais tarde, após a saída dessa missão, fundaram uma aldeia própria e estreitaram relações com a população regional do baixo Nhamundá, principalmente por conta do comércio da castanha.

Já os Katxuyana que foram para a missão Tiriyo, não apenas se estabeleceram nesse local como fundaram cerca de seis aldeias próprias ao longo das quatro décadas que se passaram.

Mesmo assim, nunca abandonaram o sonho de voltar para a região do rio Cachorro, tal como realmente aconteceu: após 40 anos de exílio forçado, tomaram a iniciativa de regressar para o lugar de onde não teriam saído se não fosse a ausência de alternativas.

A partir dos anos de 1980 – a questão da terra

Entre os anos de 1960 e 1980, os Katxuyana e Kahyana que no final da década de 1960 haviam sido transferidos para o Parque do Tumucumaque, junto aos Tiriyo, recebiam assistência da Força Aérea Brasileira (FAB) e da Missão Franciscana da Província de Santo Antônio, de Recife/PE. Segundo Grupioni (2005), foi nas décadas de 1970 e 1980 que se iniciou um movimento de descentralização em relação à base missionária em que existia um posto de saúde, uma escola, um pequeno comércio, comunicação via rádio e uma pista de pouso.

Nos anos 2000, esse processo de descentralização chegou a somar mais de 50 aldeias espalhadas pelo parque. Foi ainda entre 1960 e 1980 que, segundo Denise Fajardo Grupioni (Pereira 2001), os missionários católicos aliam o trabalho catequético à assistência sanitária e educacional. Formaram também indígenas para desenvolverem trabalhos não indígenas, como a criação de gado, carpintaria e mecânica. Esse modelo funcionou de 1960 a 1990 na chamada “fase missionária”, em que os indígenas estavam sob jurisdição da Delegacia Regional da Funai de Belém.

Somente a partir dos anos de 1980 a Funai começou a atuar diretamente na região, com auxílio da Fundação Nacional de Saúde (Funasa) (Pereira 2001). Com a morte do frei Cirilo Haas, no início dos anos 1990, isso mudou, já que ele era responsável pelo “êxito da missão”. Além disso, também nessa ocasião, com apoio financeiro do projeto Calha Norte, foi criada uma nova sede regional da Funai em Macapá/AP e transferida a vinculação dos indígenas de Belém para Macapá. Um marco nessa reorganização ocorreu em 1996, quando surgiu uma das primeiras associações indígenas

desses povos, a Associação dos Povos Indígenas do Parque do Tumucumaque (Apitu), com objetivo de defender os interesses e direitos das comunidades indígenas que viviam no Tumucumaque (Grupioni 2005).

A partir da década de 1990, muitas mudanças ocorreram entre os indígenas do Tumucumaque e surgiram novos interlocutores indígenas que:

[...] munidos de novas estratégias de relacionamento com os segmentos da sociedade envolvente que passaram a atuar no Parque, com programas de intervenção, tanto voltados para a área de saúde e educação, quanto para busca de alternativas econômicas e defesa territorial. Os mais velhos continuam sendo consultados e tendo suas opiniões respeitadas. As comunidades locais são mais requisitadas a participar e se envolver, mas a complexidade dos assuntos e a barreira da língua acabam por limitar aos poucos bons falantes do português o domínio dos novos assuntos (Pereira 2001: 377).

Ainda segundo a autora, por um lado, existiam inúmeras agências intervindo em diversos setores da vida indígena, muitas vezes sem articulação entre os programas implementados. De outro, estavam vários indígenas em processo de “construção de representações” sobre novas informações, se relacionando com “novos atores e novos estilos de intervenção” (Pereira 2001: 377).

Por meio dos vários agentes que atuaram no Parque do Tumucumaque, especialmente a partir dos anos de 1990, os povos indígenas que lá habitavam tiveram “[...] acesso ao novo tipo de política pública que emergiu em decorrência dos direitos constitucionais conquistados pelo movimento indígena em finais dos anos 1980” (Pereira 2001: 381). Os indígenas tiveram de entender o que era paternalismo para compreender que estavam diante de novas perspectivas e de uma política que se propunha não mais a ser promotora da dependência indígena.

Convém lembrar que o povo Katxuyana vive em diferentes localidades atualmente – no Paru de Oeste (Tumucumaque), no Nhamundá

e no rio Cachorro – e suas aldeias estão em áreas demarcadas. Conforme Pereira (2001), o Parque Indígena do Tumucumaque foi homologado em 1997¹⁷, mas o decreto na ocasião não garantia o direito de posse permanente aos Tiriyo e Katxuyana. Depois de embates, foi feita uma retificação nesse sentido. Outros Katxuyana vivem entre os Hixkaryana e Wai Wai na Terra Indígena Nhamundá-Mapuera¹⁸.

Há quem diga que, nesta virada de século [século XX para o XXI], os índios do Tumucumaque estão se “modernizando”, entrando na “era da globalização”, “integrando-se” ao sistema da sociedade envolvente. Juízos de valor à parte, dir-se-ia, no mínimo, que os índios do Tumucumaque vêm percebendo que o futuro de suas relações com a sociedade envolvente encontra-se, mais do que nunca, em suas próprias mãos (Pereira 2001: 382).

A reflexão de Denise Fajardo, escrita há duas décadas, já apontava para um protagonismo indígena não apenas dos Katxuyana, mas de outros grupos da região, que se fortaleceram em suas associações para defender seus direitos e territórios. No caso do povo Katxuyana, vimos florescer interessantes projetos de autovalorização de sua cultura em iniciativas articuladas com antropólogos, organizações não governamentais e outros parceiros.

A Constituição da República Federativa Brasileira de 1988, em seu artigo 215, § 3,

17 Decreto de homologação da demarcação da Terra Indígena Parque Indígena do Tumucumaque, de 04 de novembro de 1997, publicado no Diário Oficial da União (DOU) nº 213. O Parque ocupa uma área de 3.071.067 ha entre os municípios paraenses de Óbidos, Oriximiná, Alenquer e Almerim, e ainda uma porção no município de Laranjal do Jari no Amapá. Em dezembro de 2000, viviam cerca de 1.340 pessoas entre Tiriyo, Wayana Aparai, Kaxuyana, Akurio (Pereira 2001).

18 A Terra Indígena Nhamundá-Mapuera, em dezembro de 2000, tinha uma população de 2.376 pessoas entre Xereu, Karafawana, Katuena, Mawayana, Hixkaryana, Kaxuyana e Wai Wai. Ocupa uma área 1.049.520 ha entre os municípios paraenses de Oriximiná e Faro e o município de Nhamundá no Amazonas. O decreto de homologação foi publicado no DOU em 18 de agosto de 1989.

propõe a “valorização da diversidade étnica e regional” com intuito de proteger “as manifestações de culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e a de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional”. Esses aspectos estão presentes em processos de demarcação de terras indígenas e quilombolas, bem como em programas e prêmios correlacionados às políticas públicas de cultura como, por exemplo, o extinto Prêmio Culturas Indígenas (Brasil 2006).

Uma iniciativa nesse sentido foi documentada pela pesquisadora Adriana Russi, que esteve em trabalho de campo entre 2010 e 2014 e acompanhou o protagonismo dos Katxuyana em sua iniciativa de reconstrução de uma casa tradicional – a *tamiriki* (Mello 2014; Russi 2019).

Importante registrar que, paulatinamente, os próprios Katxuyana e outros yanás passaram eles mesmos a elaborar seus documentos, textos e publicações. No âmbito acadêmico, vimos recentemente indígenas concluindo suas graduações e outras formações. Nesse sentido, destacamos os trabalhos de monografia de Neide Imaya Wara Kaxuyana (2016) e Ana Lúcia

Kaxuyana Chagas (2019), que versam sobre a trajetória e cultura de seus povos.

Outro dado importante, anterior a isso, remete ao início da década de 2000, quando os Katxuyana elaboraram um documento destinado à Funai solicitando providências quanto à defesa e demarcação de suas terras. Informavam ainda sobre o regresso de famílias katxuyana à região dos rios Cachorro e Trombetas, que nunca ficou desabitada por completo, tendo vivido ali diferentes yanás e grupos isolados. A partir de então, no âmbito da Funai, foi criado um grupo técnico que, em duas ocasiões (agosto a setembro de 2008 e abril a maio de 2010), esteve em trabalho de campo na região para a identificação e delimitação da Terra Indígena Kahu-Yemná, coordenado pelo antropólogo Ruben Caixeta Queiroz (Girardi 2011). Em 2018, a Terra Indígena Kaxuyana-Tunayana, ocupada pelos Katxuyana, Tunayana, Kahyana, Katuena, Mamayana, Tikiyana, Xereu-Hixkayana, Xereu-Katuena e outros povos isolados, foi declarada de posse permanente desses povos pela Portaria nº 1.510/2018.

RUSSI, A; FAJARDO, D. An overview of studies about the Katxuyana and other yanás.
R. Museu Arq. Etn. 37: 5-19, 2021.

Abstract: This chapter synthesizes studies addressing the Katxuyana, Kahyana and other yanás who live in the regions of the Cachorro and Trombetas rivers, as well as its vicinities, published from the 1900s onwards – although they provide information from previous historical sources. By evaluating these works, the organizers seek to highlight the thematic emphasis of these texts according to the socio-historical context and their main contributions to these peoples.

Keywords: Katxuyana; Yana; Studies; Cachorro river; Trombetas river.

Referências bibliográficas

- Aguiar, B.D. 1940. Trabalhos da comissão brasileira demarcadora de limites – primeira divisão – nas fronteiras da Venezuela e Guianas Britânicas e Neerlandesas, de 1930-40. In: *Anais do 9º Congresso Brasileiro de Geografia*, 1940, Florianópolis.
- Almeida, M. P.C. 1981a. *Relatório referente ao projeto de construção da hidrelétrica de Cachoeira Porteira (Trombetas). Processo Funai 3115/81*. Arquivo Instituto Socioambiental, Brasília.
- Almeida, M. P.C. 1981b. *Relatório de eleição e delimitação das áreas dos PIs Nhamundá e Mapuera (divisa dos Estados do Amazonas e Pará). Processo Funai 2989/80*. Arquivo Instituto Socioambiental, Brasília.

- Andrade, C.D. 1979. O Kaxuyana, esse bem-educado. *Revista de Atualidade Indígena* 3: 25-26.
- Apitikatxi. 2007. *Tamiriki: construindo uma casa e reconstruindo uma cultura*. Projeto submetido ao Edital Prêmio Culturas Indígenas edição 2007.
- Baldus, H. 1960. A lenda do curare. In: Baldus, H. (Org.). *Estórias e lendas dos índios*. Literart, Rio de Janeiro, 77-80.
- Baldus, H. 1961-1962. Os carimbos dos índios do Brasil. *Revista do Museu Paulista* XIII: 7-68.
- Becher, H. 1975. Protásio Frikel (1912-1974). *Indiana* 3: 293-300.
- Coudreau, O. 1900. *Voyage au Trombetas 7 aout 1899-25novembre 1899*. A. Lahure, Paris.
- Derbyshire, D. 1961. Notas comparativas sobre três dialetos karibe. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Antropologia* 14: 1-6.
- Detering, D. 1962. Flechtwerke und flechttechniken der kaschuyana indianer nordost – brasiliens. *Baessler-Archiv* 10: 63-104.
- Ferreira, A.B.H. 1975. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
- Frikel, G.P. 1953. Kamani: costumes e preceitos dos índios Kachúyana a respeito do curare. *Revista do Museu Paulista* VII: 257-274.
- Frikel, P. 1955. Tradições histórico-lendárias dos Kachuyana e Kah.yana (versão Kachuyana) *Revista do Museu Paulista* 9: 203-233.
- Frikel, P. 1956. Sinais e marcos de orientação e advertências indígenas. *Revista de Antropologia* 4: 103-110.
- Frikel, P. 1958. Classificação linguística-etnológica das tribos indígenas do Pará setentrional e zonas adjacentes. *Revista de Antropologia* 6: 113-189.
- Frikel, P. 1961a. Morí- a festa do rapé (índios Kachuyana, rio Trombetas). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Antropologia* 12: 1-34.
- Frikel, P. 1961b. Fases culturais e aculturação intertribal no Tumucumaque. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Antropologia* 16: 1-17.
- Frikel, P. 1962. Aculturação intertribal no Tumucumaque. In: *Actas memórias del XXXV Congreso Internacional de Americanistas, 1962*, Cidade do México.
- Frikel, P. 1963. Tradição tribal e arqueologia no Tumucumaque. *Revista do Museu Paulista* 14: 471-491.
- Frikel, P. 1966. Os últimos Káhyana. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* 1: 7-34.
- Frikel, P. 1970a. *Os Kaxuyana: notas etno-histórica*. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.
- Frikel, P. 1970b. O “código de civilidade” Kaxúyana. *Universitas* 6/7: 277-294.
- Frikel, P. 1971a. A mitologia solar e a filosofia de vida dos índios Kaxúyana. Tentativa de uma interpretação. In: Gudschinsky, S. (Org.). *Estudo sobre línguas e culturas indígenas*. Summer Institute of Linguistics, Brasília, 3, 103-142.
- Frikel, P. 1971b. *Dez anos de aculturação Tiriýó: 1960-1970: mudanças e problemas*. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.
- Frikel, P.; Cortez, R. 1972. *Elementos demográficos do alto Paru de Oeste, Tumucumaque Brasileiro: índios Ewarhoyána, Kaxúyana e Tiriýó*. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.
- Funes, E. 1995. “Nasci nas matas, nunca tive senhor”: história e memória dos mocambos do Baixo Amazonas. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Funes, E.A. 2000. *Comunidades remanescentes dos mocambos do Alto Trombetas*. Projeto Manejo dos Territórios Quilombolas. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. Disponível em: <https://

- cpsp.org.br/wp-content/uploads/2017/06/ComunidadesRemanescentesMocambosAltoTrombetas.pdf>. acesso em: 23/11/2021.
- Gallois, D.T. (Org.). 2005. *Redes de relações nas Guianas*. Humanitas; Fapesp, São Paulo.
- Gallois, D.T.; Grupioni, D.F. 2009. *Povos indígenas no Amapá e norte do Pará: quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam?* Iepé, São Paulo.
- Gillin, J. 1963. Tribes of the Guianas, In: Steward, J.H. *Handbook of South American Indians*. Cooper Square Publishers Inc., New York, 3, 799-860.
- Girardi, L. 2010a. A terra e a gente: considerações sobre a transitividade em uma demarcação. In: *Anais da 27ª Reunião Brasileira de Antropologia*, 2010, Belém.
- Girardi, L. 2010b. Cosmopolítica Kaxuyana: notas sobre uma demarcação de terra indígena. In: *Anais da 34ª Reunião Anual da Anpocs*, 2010, Caxambu.
- Girardi, L.G. 2011. *Gente do Kaxuru: mistura e transformação entre um povo indígena Karib-Guianense*. Dissertação de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Gongora, M.F. 2007. *No rastro da cobra-grande – variações míticas e sociocosmológicas: a questão da diferença na região das Guianas*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Grupioni, D.F. 2005. Tempo e espaço na Guiana Indígena. In: Gallois, D. (Org.). *Redes de relações nas Guianas*. Humanitas; Fapesp, São Paulo, 23-57.
- Grupioni, D.F. 2006. Povos recuperam antigos locais de moradia. In: Ricardo, B.; Ricardo, F. *Povos indígenas no Brasil 2001/2005*. Instituto Socioambiental, São Paulo, 392-394.
- Grupioni, D.F. 2009. *Arte visual dos povos Tiriyo e Kaxuyana: padrões de uma estética ameríndia*. Iepé, São Paulo.
- Grupioni, D.F. 2010a. O caso Kaxuyana. In: Ricardo, C.A.; Ricardo, F. *Povos indígenas no Brasil – 2006-* 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/3cNnYKD>>. Acesso em: 23/11/2021.
- Grupioni, D.F. 2010b. *Kaxuyana: de volta à sua terra de origem*. Disponível em: <<https://bit.ly/3l8oZl0>>. Acesso em: 20/6/2010.
- Kruse, A. 1933. Etwas von den Kaciana-Indianern. *Provinzzeitung der Franziskaner in Nord-Brasilien* 2: 104-107.
- Kruse, A. 1955. Purá, das Höchste wesen der Arikena. *Antropos* 50: 404-416.
- Malcher, J.M.G. 1964. *Índios: grau de integração na comunidade nacional, grupo linguístico, localização*. CNPI, Rio de Janeiro.
- Meira, S. 2006. A família linguística Caribe (Karib). *Revista de Estudos e Pesquisas* 3: 157-174.
- Mello, A.R.T. 2014. *Tamiriki, pata yotono kwama: a reconstrução de uma casa, a valorização de uma cultura e o protagonismo dos ameríndios Kaxuyana às margens do rio Cachorro, Oriximiná/PA*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Miranda, M. 2005. *Ponte entre povos: a música dos índios e a música erudita no Amapá/Brasil*. Sesc, São Paulo.
- Nimuendajú, C. 1926. Die Palikur-Indianer und ihre Nachbarn. Elanders Boktryckeri Aktiebolag, Goeteborgs.
- Paula, R.W.G. 1976. Harmonia vocálica nos afixos de posse na língua Kaxuyana. *Revista Brasileira de Linguística* 3: 42-50.
- Paula, R.W.G. 1977. *Língua Kaxuyana: fonologia segmental e afixos nominais*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Paula, R.W.G. 1983. Comparação de afixos de posse em línguas Karib. *Boletim do Museu do Índio, Linguística* 2: 1-31.

- Pereira, M.D.F. 2001. Parque Indígena de Tumucumaque: novos parceiros, novos desafios. In: Ricardo, C.A.; Ricardo, F.P. (Eds.). *Povos indígenas no Brasil 1996/2000*. Instituto Socioambiental, São Paulo, 376-382.
- Polykrates, G. 1957-1958. Kashuiéna' ernes Kuringurifest. *Vor Viden* 223: 449-455.
- Polykrates, G. 1959. Zweiter besuch bei den Indianern am Rio Trombetas. *Ethnos* 3-4: 208-212.
- Polykrates, G. 1960. Einige holzschnitzereien der Kashuiéna: indianer. *Folk* 2: 115-120.
- Polykrates, G. 1961. Beiträge zur: antropologie, ethnografie und sprachforschung der Kashuiéna indianer sowie akkulturationserscheinungen. *Ethnos* 26: 56-74.
- Polykrates, G. 1962. Beiträge zum verständnis der religion und variationen der materiellen kultur der Kashuiéna-indianer. *Folk* 4: 71-89.
- Porro, A. 2002. História indígena do alto e médio Amazonas: séculos XVI e XVII. In: Cunha, M.C. (Org.). *História dos índios no Brasil*. Companhia das Letras, São Paulo.
- Porro, A. 2008. Notas sobre o antigo povoamento indígena do alto Trombetas e Mapuera. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas* 3: 387-397.
- Programa de Formação de Professores-Pesquisadores Tiriyo e Kaxuyana do Iepé. 2010a. *Aprendendo o português nas escolas Tiriyo e Kaxuyana*. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo; Macapá: Iepé.
- Programa de Formação de Professores-Pesquisadores Tiriyo e Kaxuyana do Iepé. 2010b. *Praticando o português nas escolas Tiriyo e Kaxuyana*. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo; Macapá: Iepé.
- Queiroz, R.C. 2008. *Trombetas-Mapuera: território indígena*. Funai; PPTAL, Brasília.
- Ricardo, B.; Ricardo, F. (Ed.). 2011. *Povos indígenas no Brasil 2006/2010*. Instituto Socioambiental, São Paulo. Disponível em: <<https://bit.ly/3xPZPg5>>. Acesso em: 23/11/2021.
- Ricardo, C.A. (Ed.). 1983. *Povos Indígenas do Brasil*. Cedi, São Paulo.
- Russi, A. 2011. Os Kaxuyana e a tamiriki: memória e identidade. *Anais do XXXIII Convegno Internazionale di Americanistica*, 2011, Perugia.
- Russi, A. 2019. *A casa tamiriki: patrimônio indígena Katxuyana*. CRV, Curitiba.
- Russi, A.; Endreffy, M. 2017. *Dos museus aos sujeitos: levantamento das coleções etnográficas dos Katxuyana*. Relatório de iniciação científica. Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- Russi A.; Keiffer-Dössing, A. 2019. Museums and indigenous memories: the collections of the Katxuyana and the contemporaneity of musealized material culture. *Museum and Society* 17: 494-509.
- Torres, C.M. 1986. Tabletas para alucinogenos en Sudamerica: tipologia, distribucion y rutas de difusion. *Boletín del Museo Chileno de Arte Precolombino* 1: 37-53.
- Velthem, L.H. 1979. *Referências sobre o Parque Indígena Tumucumaque: população indígena, decretos, ameaças à sua integridade, notas ecológicas*. Cedi, São Paulo.
- Velthem, L.H. 1980. O parque indígena de Tumucumaque. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi série Antropologia* 76: 1-31.
- Velthem, L.H. 1991. Protásio Friel (verbete). In: Winters, C. (Ed.). *International Dictionary of Anthropologists*. Garland, New York, 219-220.
- Vinhaes, E. 1944. *Aventuras de um repórter na Amazônia*. Livraria do Globo, Porto Alegre.
- Wallace, R. 1970. Notas fonológicas da lingua Kaxuyana. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi série Antropologia* 43: 1-20.